

Óscar Ribas

Entrevistado por Maria Augusta Silva

(com 90 anos, em outubro de 1999)

Ao falar-se de etnografia angolana deverá sublinhar-se um nome: Óscar Ribas. Ninguém como ele absorveu tradições africanas; transportou-as para livros como *Misoso, Ecos da Minha Terra, Uanga, Sunguilando, Kilandukilu* ou *Tudo Isto Aconteceu*. Mais títulos dão testemunho de um incansável investigador. Contos, romance, novela, poesia, ensaios. Ainda o *Dicionário de Regionalismos Angolanos*. Ganhou prémios. Foi traduzido e proferiu conferências a nível internacional.

Nasceu em Luanda. Ali estudou, trabalhou como funcionário e criou obra. Fundou (com o oftalmologista Santos Lapa) o Instituto Óscar Ribas para ensino de invisuais. Lecionou. Em 1983 fixou-se em Portugal. Vive no quarto de um lar para os lados de Alcoitão. «Toda a gente me trata bem». Mas a sua obra «é produto de muita dor». Um sofrimento que atravessou caminhos de luz e de trevas. Enfrentou a cegueira ainda jovem. Era alegre, namoradeiro e romântico. Cegou por doença congénita. Pensou em suicidar-se. «Deus ajudou-me a reencontrar a luz. Uma luz que despertou nos meus outros sentidos.»

Atraído pela cegueira desde muito novo, como vive e sente o mundo ao completar 90 anos?

Ouçõ o bater das palavras que me dão realidades, venturas e desventuras. Tateio e sinto as liberdades e as barreiras. Cheiro, e nem tudo tem o perfume das rosas. Saboreio e distingo o doce do amargo, o salgado do insosso.

Humanidade paradoxal?

Teve sempre duas faces. O consumismo e o individualismo tomaram conta das pessoas. Há a expectativa repetida de que as coisas mudem quando se entra em novo ano, e agora nouro século e novo milénio. Gostaria de acreditar num mundo melhor, só que o egoísmo domina.

As gerações afirmam-se como força transformadora...

Umás vezes para melhor, outras para pior. Se houver uma aposta no enriquecimento educacional e cultural, em valores essenciais, colher-se-ão benefícios. A Humanidade ganhará mais grandeza.

Os valores essenciais de uns não são os de outros...

Há consenso sobre valores essenciais. Mas uma coisa são as palavras, outra é a incoerência dos atos. Olhe os conflitos mundiais!

Tem-lhe faltado solidariedade?

Vivo há 16 anos neste lar. Uma sorte ter encontrado um refúgio assim. Só temo dar trabalhos. A minha sobrinha Maria do Céu apoia-me igualmente muito na literatura. Tive sempre auxílio dos meus irmãos e sobrinhos.

Cegueira, o seu maior drama?

Lutei desesperadamente. Roubou-me a capacidade de olhar o meu semelhante olhos nos olhos. Durante algum tempo só pensava em suicidar-me. O mundo ficara um quarto escuro. Não podia mais ler e escrever como estava acostumado. Tropeçava na minha escuridão, inconformado.

Como venceu essa barreira?

Reinventei-me. Deus ajudou-me a descobrir uma nova luz no meu caminho de sombras. Deu-me resignação. Fez-me nascer de novo e iluminou os meus outros sentidos. Ensinou-me a usar melhor as outras faculdades para continuar a minha obra e ser útil.

Com livros esgotados, gostaria de ver a sua obra reeditada?

Claro. E senti muita alegria com a edição, no ano passado, do dicionário de *Regionalismos Angolanos* — o meu orgulho literário; 37 anos (embora não consecutivos) à volta desta obra. Trabalho desde manhã até ao entardecer. Quando me deito, às vezes o sono tarda; surgem ideias com mais vigor e clareza. Levanto-me e vou para a máquina tomar apontamentos.

Tem medo do sono?

Não. Mas há noites em que custa adormecer. São muitas lembranças e pensamentos na cabeça.

Na sua poesia, a maternidade surge como um hino...

A maternidade é vida. A poesia celebra a vida mesmo quando tocada pela morte.

A maior lembrança de sua mãe?

Quando estava doente e vivíamos em Benguela, lembro-me de como gostava de pousar a cabeça no colo da minha mãe. Já tinha eu vinte anos! Era o amor, o amparo, a paz, a segurança.

Como lhe chegam notícias do mundo?

A rádio faz parte dos meus sentidos. Ofereceram-me agora um aparelho todo moderno, que dá para CD e tudo! Gosto muito de ouvir Cesária Évora.

O nome de Amália, que lhe diz?

Chocou-me a sua morte. Admirava-a. Uma pessoa grande e simples. Justíssimas as homenagens.

Que valor dá à televisão?

Ouço os noticiários. E sou um apaixonado por programas sobre a vida selvagem, arqueologia, história, odisseias. Quando vou a casa da minha sobrinha, regalo-me; tem a TV Cabo e apanho muitos programas desses.

E a ausência de imagem?

As imagens que não vejo são compensadas pelas palavras pausadas e melódicas que descrevem o conteúdo. Se o lar onde estou tivesse TV Cabo, punha um televisor pequenino no meu quarto para acompanhar esses programas que me dão tanta alegria.

Um nome deste século?

Mandela. Engrandeceu África, o mundo e a Humanidade.

Uma árvore?

Mulemba, frondosa e serena.

A maior solidão?

Solidão, solidão...

Os livros deram-lhe a possibilidade de ganhar dinheiro?

Nunca escrevi à espera de lucros. Tentei legar memória dos costumes, das tradições do povo angolano. Nem era fácil editar. Ainda hoje não é.

Teve problemas com a Censura?

Não. Mas não nego nem desculpo por via disso a deplorável ação censória. A substância da minha obra baseia-se sobretudo na etnografia angolana e tenho uma prosa essencialmente poética. Houve, todavia, um indivíduo que se fazia meu amigo e só mais tarde soube que era informador da PIDE. Foi um autêntico espião junto de mim, que se aproveitou da minha cegueira. A investigação etnográfica era uma área de que já me ocupava antes da perda total da visão. Contactava com as populações, lia muito, sempre estudioso, mesmo quando era

funcionário. E a oralidade em Angola é uma expressão cultural muito forte.

Aprendeu e ensinou braille, mas a máquina que tem à sua frente é de teclado normal, já velhinha...

A minha preferida. Tem quarenta anos. Continuo a escrever nela os meus livros. Dou mais gralhas, mas depois fazem-me a revisão. Há coisas que se colam à nossa vida como se fossem a própria pele. Esta máquina faz parte de mim, como uma pessoa chegada, íntima. Representa, ao mesmo tempo, o meu silêncio, a minha voz e o meu olhar.

Como faz as suas leituras?

Tenho áudio-livros. Leio, também, em braille. E li muito quando ainda via. (O meu pai sempre a recomendar-me: *rapaz, cuidado com os teus olhos.*) Recordo obras de Eça, Camilo, a poesia de Guerra Junqueiro. Gosto de algumas obras de Pessoa. E convivi muito com a literatura brasileira. Jorge Amado, uma referência.

E escritores angolanos?

Luandino e Pepetela, entre outros. Novos valores se afirmam em Angola e Moçambique.

Na convivência africana, o tratamento por tu, por mana ou mano, tem especial significado?

É um povo de afetos, gregário. Os africanos são todos primos mesmo que o não sejam. Os escravos que serviam o mesmo amo tornavam-se parentes de sangue.

Deixou Angola depois da independência. Sente mágoa?

Mágoa, sim, mas não rancores. Não tinha lá condições de sobrevivência. A minha mulher estava muito doente e também era invisual. O Presidente José Eduardo dos Santos reconheceu as minhas dificuldades. Havia que tomar uma decisão. Optei por Lisboa. E tudo o que era meu deixei para Angola: dois mil livros, condecorações, coleções de moedas.

Viveu o tempo de Portugal em Angola. Qual a face do racismo?

Os povoadores foram impondo a sua cultura. Aconteceu em todo o mundo. O que estava errado era o poder político que então dominava Portugal e as suas antigas colónias. Um poder que não soube olhar para a África Austral. Havia discriminações. Mantinha-se o analfabetismo para a população negra ficar submissa e ser mais explorada. Houve tempo em que os negros e os mestiços não podiam ter bilhete de identidade.

O analfabetismo foi uma das mordanças que atingiram igualmente o povo português...

Sem dúvida. O despotismo salazarista danificava. Durante anos, chegou mesmo a classificar-se de «brancos de segunda» os portugueses que nasciam em terra angolana. Uma vergonha, também!

A cor da pele na sociedade angolana não era fator racista?

O racismo em Angola não era uma questão de cor de pele. Brancos e negros conviviam. Mas discriminações existiam. Para acabar com elas era necessário ensino e igualdade nos direitos e deveres. Algumas pessoas e grupos aproveitavam-se e alimentavam-se do poder colonial. A verdade é que esse regime fez vítimas entre negros e brancos. Caetano tentou uma abertura, só que não podia abrir a torneira rapidamente...

A guerra colonial tornara-se insustentável. Não concordou com a independência?

O desejo de independência dos povos é muito antigo. Direito inalienável. Com a independência, o homem africano conquistou a sua cidadania. Mas a memória não pode apagar factos históricos. A maior riqueza de um povo é a memória. Se ninguém contar e escrever, tudo fica esquecido.

Acreditou num país multirracial?

Tive essa esperança. Gosto muito da minha terra e do povo a que pertença. Nos meus livros procurei exprimir as ideias de forma humanizante. Nunca me calei contra as discriminações. Mas o meu apelo ia no sentido da conciliação. Não sou homem de ódios.

Com tantas etnias e tribos será possível a paz em Angola?

O tribalismo não é a razão dos conflitos em Angola. Os povos são genuinamente bons. Os líderes navegam por outras águas.

Poder-se-á edificar uma democracia de modelo europeu?

A democracia é a vontade expressa do povo. Porque não há de ser possível em Angola? Também houve uma guerra atroz em Moçambique e os líderes acabaram por dialogar e entender-se. A meu ver, Savimbi, com o seu exército, tem uma sede de poder desmedida. E as empresas bélicas fazem o seu negócio. Não são as tribos nem as religiões que fazem a guerra de Angola. É uma terra muito rica e cobiçada pelos grandes interesses externos.

Os interesses são unilaterais?

Mas não se misturem as coisas. Há um governo que resultou de eleições. Uma oposição democrática faz-se com armas? Duas gerações angolanas estão destruídas. Geograficamente imensa, Angola, em termos demográficos, é um pequeno povo. Se continuar uma guerra inqualificável, dá-se o extermínio pelas armas, fome e doença. Resta a esperança de que as coisas levem agora outro rumo.

Solução possível?

Há um ditado português que diz assim: «Não há bem que sempre dure nem mal que não acabe.»

A guerra entre croatas e sérvios não é étnica?

Essa, sim. Tem fundamentos muito diferentes dos de Angola.

O seu romance *Tudo Isto Aconteceu* é a saga dos Ribas a retratar sobretudo a sociedade angolana de antes do 25 de Abril...

Testemunho de um tempo. A tal memória indispensável para entendermos a História.

***Ecos da Minha Terra*, uma das suas obras de maior relevância, foca a**

escravatura...

Existiu, infelizmente, escravatura em todo o mundo, não só em África. A Europa viveu da mão-de-obra de escravos. A América também. São as feridas e os pecados da história dos povos.

Como aceitou as condecorações do poder colonial? Alguns intelectuais angolanos insinuavam que estava mais ao lado do poder salazarista...

Foram devidas à minha obra etnográfica, à minha dedicação ao estudo de tradições africanas. Os meus livros estão ao lado da causa do povo angolano e defendem a dignidade do homem. Quando, em 1961, ocorreu, em Luanda, o ataque às cadeias para libertação dos presos políticos, morreu gente de um lado e do outro. Morreram inocentes. Integrei um grupo que, sem audiência marcada, foi ao então Governo-Geral. Sabe o que eu disse: *Quanto mais Portugal mata, mais fundo cava a sua sepultura*. Um traidor não diz isso. Exprimi sempre o meu pensamento e nunca me vendi. Escrevi advogando a concórdia, antes e depois de cegar. A longa cegueira não me roubou o pensamento nem os sentimentos.

O tempo pesa? Controla-o pelo relógio de parede?

Batidas fortes. Dão-me a noção das horas. Habituei-me a gerir o meu tempo e o meu espaço; estou sempre entretido. Não sou de azedumes. Vivo com uma diminuta reforma e uma pequena ajuda económica de Angola. Pago o lar e invisto o resto na escrita. Pago, também, a quem me coadjuva no meu trabalho literário.

Que lembrança tem de Luanda?

A de quando os meus olhos ainda se abriam extasiados para ver o pôr-do-Sol. O Sol a afogar-se na linha do horizonte, aquela cor nostálgica. A luz desse Sol ficou sempre dentro de mim. Não há cegueira que possa roubar-ma.

Óscar Ribas, homem de fé?

Creio em Deus. Mas não vou atrás de tudo o que a Igreja diz. A Igreja Católica precisa de atualizar-se. Muitos padres já reclamam essa necessidade.

A súplica é uma das grandes tradições africanas...

As igrejas católicas continuam cheias. Os missionários são uma referência em África.

E as raízes do espiritismo?

Os africanos praticam diversas religiões. A religião tradicional angolana liga-se ao animismo, mas há simbiose de culturas.

Dançam quando alguém morre...

Celebram a dor e o espírito com os seus ritos.

Filho de pai europeu e mãe negra. A mestiçagem humanizou os povos e alicerçou culturas?

A fusão de raças é enriquecedora. Ouvi pessoas, até intelectuais, dizerem que o mulato odeia a mãe e o pai. Coisa mais estúpida! Rebato isso com todas as energias. Fi-lo num trabalho para um sociólogo holandês. Eu sou mestiço. Nunca houve desunião na nossa família. As desuniões e os ódios podem dar-se em circunstâncias diversas em qualquer parte do mundo e entre qualquer raça. É da condição humana. A mestiçagem será para sempre uma grandeza humana.

Os seus pais davam-se bem?

Tinham uma boa relação. O meu pai era mais impulsivo, mas igualmente generoso. A minha mãe era muito dócil, estava sempre mais perto. Mas ambos amavam os seus filhos.

A que se deve o culto do africano pelo mais velho?

Os antepassados legam-nos a história. Os mais velhos são experiência e saber, ponte de ensino.

E os mais novos?

São o futuro inovador que precisa de memória e experiência para se realizar de forma sensata.

Timor, como o sente?

Um povo que merece Xanana. E um homem, Xanana, que merece o povo timorense. Sabem perdoar aos seus algozes, sem retaliações. Uma força e um carácter admiráveis. Exemplares.

Os cães são mais amigos do que os homens?

Bom é ter amigos. Gosto muito, também, de animais. Os cães foram meus grandes companheiros, embora não sendo guia dos meus olhos. Há cães treinados para isso. Eu preferi a bengala.

Ainda sonha?

Sonhos bons são quando estou acordado, a escrever. A dormir chego a ter pesadelos terríveis.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*